

Os Rituais de Casamento Ucrainiano: entre permanências e transformações – Irati/PR (1978-2008)

Lucélia Lucavei* | Ancelmo Schörner**

The marriage rituals continuities and transformations between ukrainian - Irati / PR (1978-2008)

Abstract

This article analyze the marriage of the Ukrainian ethnicity, in the city of Irati / PR during the period 1978 to 2008. We therefore investigated the religious celebration, as the party and important aspects such as the parting of the bride and groom, the altar, the blessing of the bride, the *korovai* and *kolomeikas*. We realized that the religious celebration of marriage has not undergone any changes from 1978 to 2008, which leads us to observe the strong religiosity of the Ukrainian people from conserving these rituals.

Keywords: weddings; ukrainians; rituals; Irati.

Los rituales matrimoniales continuidades y transformaciones entre los ucranianos - Irati / PR (1978-2008)

Resumen

Este artículo pretende analizar el matrimonio de la etnia ucraniana, en la ciudad de Irati / PR durante el período 1978-2008. Por ello, investigó la celebración religiosa, ya que el partido y los aspectos importantes, tales como la separación de la novia y el novio, el altar, la bendición de la novia, el *korovai* y *kolomeikas*. Nos dimos cuenta de que la celebración religiosa del matrimonio no ha sufrido ningún cambio desde 1978 hasta 2008, lo que nos lleva a observar la fuerte religiosidad del pueblo ucraniano de la conservación de estos rituales.

Palabras claves: bodas, ucranianos, Rituales, Irati.

Resumo

Este artigo, busca analisar o casamento da etnia ucraniana, na cidade de Irati/PR no período entre 1978 a 2008. Analisaremos tanto a celebração religiosa, quanto a festa e aspectos importantes, como a despedida dos noivos; as coroinhas; a benção da noiva; o *korovai* e as *kolomeikas*. Percebemos que a celebração religiosa do casamento não passou por nenhuma modificação desde 1978 até 2008, o que nos leva a perceber a forte religiosidade do povo ucraniano a partir da conservação desses rituais.

Palavras-Chave: casamentos; ucranianos; rituais; Irati.

Introdução

Neste artigo analisamos os rituais de casamentos ucranianos em Irati/PR, no âmbito religioso e festivo, dando ênfase às suas transformações e permanências entre 1978 a 2008. O ano de 1978 marca o surgimento da Paróquia Imaculado Coração de Maria em Irati, que passou a realizar e registrar os casamentos entre ucranianos, uma vez que anteriormente eles eram realizados em uma capela ao lado da atual paróquia, mas os registros eram feitos pela paróquia São Josafat, em Prudentópolis/PR. Por outro lado, 2008 indica um casamentos, principalmente nas festas, trazendo de

reavivamento da cultura ucraniana nos volta, por exemplo, o *korovai*, ritual repleto de significados. Já a celebração religiosa se mantém a mesma desde 1978.

Pode-se dizer que, entre os anos pesquisados, somente recentemente é que os rituais do *korovai*, das *kolomeikas* e da despedida dos noivos estão sendo resgatados e expandidos, sendo vistos pelos ucranianos como orgulho. Frisa-se nos depoimentos que até mesmo as pessoas que se casaram

*. Graduada em História - UNICENTRO -Irati-PR.

**Prof. Dr. Depto de História UNICENTRO-Irati-PR e Programa de Pós-Graduação em História - UNICENTRO.

neste período não sabem por que deixaram estes momentos passar em branco. Para este fim, nos utilizaremos principalmente da História Oral através do recolhimento de depoimentos.

Os depoimentos apontam que, mesmo em um ambiente urbano, há famílias tradicionais que lutam pela reconstrução da sua cultura e valorizam o casamento como algo fundamental e repleto de aspectos importantes, tendo em cada um deles simbologias, que de acordo com a etnia, influenciam na vida do casal desde o casamento.

Iniciaremos falando sobre o processo da imigração ucraniana para o Brasil, em geral, e para o Paraná e Irati, em particular. A seguir analisaremos depoimentos sobre o namoro, o noivado, a despedida dos noivos, o casamento na igreja e as festas, as quais como dizem os entrevistados, estão voltando a conter características próprias de uma festa ucraniana, que é marcada por músicas alegres, dançadas ao passo de 3 em 1, e com brincadeiras que envolvem não só os noivos, mas os convidados em geral.

De acordo com HORBATIUK (1983, p. 204), “os rituais fundamentais do casamento ucranianos são as coroinhas (*Vinotche*), a benção dos pais aos noivos (*Blaboslovenstvo*), o pão especial do casamento (*Korovai*), a Consagração a Maria e benção especial da noiva, e as canções populares próprias para as festa de casamento (*Kolomeikas*)”.

Ucranianos em Irati

Um dos fatores que motivaram a imigração ucraniana para o Brasil foram as condições políticas, econômicas e a insegurança constante na prática de sua religião e ritos. Assim, para HANEIKO (1985, p. 46) os ucranianos viram, de certa forma, a solução de seus problemas na imigração. De acordo com ROMANHUK (2004, p. 9), muitos deles não tinham a intenção de imigrar definitivamente, mas sim temporariamente, a fim de enriquecer no país de destino e em seguida retornar à sua pátria.

O desejo de se tornar um proprietário de terras, de enriquecer num país desconhecido, sem ter custo algum pela viagem, trazia uma nova esperança aos ucranianos que estavam sem saída para melhoras de vida em um país, devido às situações políticas e econômicas as quais passavam (ROMANHUK, 2004, p. 9).

Segundo FRANKÓ (1981) “os ucranianos, em sua maioria agricultores, entre outras coisas, sofriam pela falta de terra”, pois

... havia uma grande desproporção étnico-social quanto à ocupação das terras. A maioria ucraniana do país (65%) era proprietária apenas de 48% de todo o território. Mais de 30% de todas as terras pertenciam a aproximadamente a 2 mil famílias de latifundiários da nobreza polonesa. As restantes (22%) cabiam à população polonesa agrícola... Em média uma família ucraniana de agricultores vivia de 2,6 hectares de terra. O governo austríaco não tomava nenhuma providência para alterar ou melhorar essa situação econômica, nem mesmo favorecia a industrialização do país, a fim de desviar parte da população agrícola às fábricas, às construções, etc. Eis por que a única solução para a Galícia, região pobre e carente de terras, era a emigração de seu povo (FRANKÓ, 1981).

Por sua vez, o governo brasileiro investia fortemente em uma política para atrair imigrantes, mandando agentes para a Europa a fim de distribuírem panfletos que mostravam as favoráveis condições que o Brasil oferecia.

Com incentivo à colonização, o governo brasileiro fez a panfletagem, oferecendo grandes oportunidades de crescimento econômico. As vantagens aqui encontradas eram exibidas em imagens de um país de exuberância, como forma de atrair o maior número de imigrantes europeus (ROMANHUK, 2004, p. 9).

O tráfico de mão-de-obra negra africana diminuiu por conta das políticas inglesas que objetivam o fim da escravidão nos diversos países onde ela ainda estava em vigor, o que obrigou o deslocamento de parcelas significativas da mão-de-obra que alimentava o ciclo do açúcar e do ouro. A imigração é, então, cogitada como uma das possibilidades para promover o povoamento de imensas extensões de terra e o dinamismo demográfico, ao mesmo tempo em que passou a ser meio através do qual esses espaços vazios poderiam ser preenchidos sem afetar as grandes plantações de café. Assim, o imperador D. Pedro II incentiva e institucionaliza uma política de colonização (SCHORNER, 2000).

A abolição da escravatura, em 1888, provocou a escassez da mão-de-obra agrária no Brasil, levando as autoridades brasileiras a resolverem o problema promovendo a vinda de imigrantes europeus, os quais seriam destinados ao trabalho braçal nas lavouras, abertura de estradas e povoamento, como no caso do Paraná, em que o governo provincial, Zacarias de Góis e Vasconcelos tinha grandes planos para ocupação e desbravamento das terras virgens que dominavam grandes áreas no interior do estado (HORBATIUK, 1983).

Em seguida, no século XX, estabeleceu-se uma nova propaganda na Europa divulgando a necessidade de “mão-de-obra para a construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul” (ROMANHUK, 2004, p. 10).

Pode-se dizer que esses imigrantes deixaram sua terra com a esperança de dias melhores, o que estava expresso na propaganda das companhias colonizadoras. Contudo, “ao chegarem se deparavam com: florestas imensas pela frente para serem derrubadas e solo cultivado sem ferramentas e aparelhos agrícolas, já que na Europa não conheciam a foice, instrumento indispensável agora” (HANEIKO, 1985, p. 47). O Paraná foi um importante pólo receptor da imigração ucraniana, sendo que a mesma ocorreu neste Estado em três etapas.

A primeira deu-se a partir do fim do século XIX e foi constituída por lavradores de Galícia, importante cidade ucraniana, onde em 1169 consolidou-se o principado de Daniel, e tornou-se, em 1795, terra de domínio Austríaco e da Bucovina, região localizada na parte ocidental da Ucrânia, tendo em 1795 passado ao domínio Austríaco. A segunda e terceira etapas referem-se aos acontecimentos da Primeira e Segunda Guerra mundiais, tendo nesses períodos entrando no Brasil, em geral, e no Paraná, em particular, um elevado número de ucranianos (HORBATIUK, 1983, p. 48).

Em 1908 Irati recebeu sua primeira leva de imigrantes, os holandeses que fixaram-se, em sua maioria, no Núcleo Irati, hoje conhecido por Distrito de Gonçalves Júnior. No mesmo ano, ucranianos e poloneses fixaram-se em Itapará. No ano seguinte vieram para o núcleo Irati imigrantes alemães; ainda, entre os anos de 1910 a 1912, Irati recebeu novamente imigrantes ucranianos e poloneses que se instalaram no Núcleo Irati (ORREDA, 1972).

Conforme RAMOS (2008), desde a sua chegada ao Brasil, os ucranianos puderam continuar com sua cultura, porque a nova pátria dava-lhes liberdade para isso. Como podemos ver a seguir os ucranianos apegaram-se mais à religião, pois:

(...) quando na vinda dos primeiros imigrantes para o Brasil, eles não tinham ninguém que olhasse por eles, visto que não existia nenhuma representação diplomática que pudesse garantir os direitos que esses imigrantes tinham adquirido, pelo menos em promessas, ainda em solo europeu. Sem essa

representação, esses imigrantes se apegaram a um tipo de representação que eles tinham certeza que não os abandonaria em momento algum de suas vidas, a representação religiosa. Com isso, não é difícil perceber por que a maioria das representações coletivas, que esses imigrantes tentam por em prática e passar para seus descendentes, são as representações religiosas (RAMOS (2008).

Assim, desde sua chegada, buscavam sacerdotes que pudessem realizar as celebrações como missas, casamentos, batizados e enterros. Os sacerdotes que atendiam os ucranianos que viviam em Irati vinham de Prudentópolis porque em Irati ainda não havia capela ou qualquer local próprio para a realização das celebrações e nem uma moradia para o sacerdote. A capela só passou a existir em 1978, sendo que até então as celebrações aconteciam nas casas das pessoas, que as cediam para receber o sacerdote e todos os fiéis.

Desde a vinda dos ucranianos para cá, eles já se reuniam nas casas das pessoas para a celebração da missa, que era feita por padres de Prudentópolis, já que os ucranianos sempre muito religiosos, requisitavam padres. Mas a paróquia de fato surgiu em 1978, tendo então arquivo de registros e um padre, para atender às necessidades da população.

Segundo o depoimento a seguir, logo sentiu-se a necessidade de construir uma capela que conseguisse atender às necessidades da população.

Eram realizadas na capela que atualmente foi transformada em capela mortuária próxima a igreja, tanto é que eu fiz minha primeira comunhão lá, meus pais se casaram nesta capela, mais chegou uma época que tiveram que aumentar porque a igreja não comportava mais o povo. E antes da capela eram realizadas nas casas, uma pessoa cedia a casa e o padre vinha uma vez por mês de Prudentópolis e realizava as missas nas casas.

A construção da paróquia Imaculado Coração de Maria, finalizou-se em 1978, tendo mais espaço físico necessário para as pessoas assistirem as celebrações. Com o surgimento da Paróquia, as condições melhoram, de modo que os fiéis da etnia ucraniana passaram a ter um pároco propriamente destinado a cuidar das celebrações e seus registros.

Casamentos ucranianos em Irati

Dentre as cerimônias que passaram a ser registradas na Paróquia de Irati está o matrimônio, cerimônia rica em detalhes e beleza, que estão sendo prestigiados atualmente pelos ucranianos, uma vez que entre 1978 e 1990 muitos aspectos importantes do casamento foram deixados de lado, pois não havia, por parte dos casais e famílias, o interesse de seguir à risca todos os rituais que envolviam a celebração, muito embora os entrevistados dizem não saber ao certo porque isso aconteceu.

Podemos conceituar um ritual, por gestos e ações que se fazem presentes em determinados momentos, em diferentes grupos sociais e étnicos, sendo eles envoltos por significados de caráter religioso ou não, podendo fazer parte não só de celebrações especiais, mas também do dia-a-dia das pessoas. Assim, eles podem ser “religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados, podendo servir para a afirmação da identidade de um grupo ... e preservados como marca identitária” (PEIRANO, 2003, p. 140).

A cultura é produção e construção de um povo, na sua relação com o mundo da natureza e da sociedade, e se torna visível através de produtos artísticos e culturais, hábitos, costumes e práticas presentes nas relações que se estabelecem entre as pessoas e nas instituições. É através da cultura que os grupos sociais expressam suas concepções de

mundo, construindo e preservando ritos e rituais, todos carregados de simbologia, de significado e importância para aqueles que os praticam ... como o casamento. Ao se atribuir maior ou menor importância a ritos e rituais, as pessoas afirmam e reafirmam seus valores, suas crenças e a ideologia dominante no seu grupo social, mesmo sem terem uma clara consciência disso (PEIRANO, 2003).

Segundo PEIRANO (2003, p. 141) ele é “um fenômeno especial da sociedade que nos aponta e revela expressões e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalva o que já é comum a um determinado grupo”.

Conforme depoimentos, em anos atuais, 2007/2008, há um interesse pela realização de uma celebração completa e enriquecida de detalhes, tal como eram no tempo de seus avós, ou seguindo exemplo de cidades onde mantêm-se as tradições como Mallet e Prudentópolis. Esta procura é feita principalmente pelos jovens, que querem reavivar a cultura para que não se acabe e possa chegar ao conhecimento de seus filhos. João Laércio diz que não sabe

(...) o que ocasiona essas perdas nos rituais...eu acho que é por causa da mistura das raças, da educação que vem dos pais, vem sendo esquecida até a própria língua ucraniana e começa a resgatar a perda com os mais velhos e se a gente não passar pros próprios filhos vão morrer os costumes, mais hoje estão sendo mais valorizados e feitos os rituais, há um incentivo da própria faculdade pra resgatar esses costumes, porque isto é um documento que vai ser gravado e mais tarde os meus filhos e netos resgatarão a cultura nestes documentos (ROIK, 2009).

Contudo, não são apenas os jovens que fazem esta busca, mas também pessoas que casaram-se há pouco menos de trinta anos, mas que agora querem que seus filhos se casem seguindo as tradições. Isso pode ser percebido quando uma entrevistada diz que não sabe “porque deixamos passar em branco uma coisa tão bonita e quando a nossa filha casar, se ela aceitar, nós vamos fazer” (BULKA, 2009).

Percebe-se, nas entrevistas, que as pessoas hoje dizem se arrepender de não terem seguido as tradições no casamento e agora querem que seus filhos sigam o costumes, que foram se empobrecendo com o passar do tempo. De outro lado, observava-se o entusiasmo de casais recentemente formados que emocionam-se e orgulham-se ao falar de seu casamento.

Conforme os depoimentos, as pessoas se conheciam geralmente no círculo religioso e sempre sendo instruídas pelos pais de que o melhor esposo ou esposa seria aquele encontrado na igreja, seja nos dias de missa ou festas religiosas. Segundo os depoimentos a seguir: “Primeiramente a gente participava do grupo folclórico ucraniano e sempre teve aquela paquera, aí nós fomos num congresso de jovens em Pitanga, foi naquele dia que aconteceu o namoro oficial”(BULKA, 2009). Há, contudo, exceções, pois, quando indagada de onde conheceu seu esposo Inês responde que foi “no sarau, na festa do pêssego, essas coisa né, já haviam começado”(TCHUMOLA, 2009).

A questão da pureza da noiva é muito enfocada. Afirma-se que não era digna de casar-se de véu e grinalda se a mulher não fosse mais virgem. Mas atualmente perdeu-se essa valorização da virgindade, não impondo nenhum impedimento ao casamento.

Os depoimentos afirmam que antigamente, não haviam discriminações por parte dos ucranianos em casar seus filhos com pessoas de outras etnias, como há até hoje essa liberdade de escolha. Mas, bem anterior a estas datas, as divergências existiam, uma vez que:

(...) antigamente, na época dos avós, quando era pra casar, era com ucranianos, até haviam casamentos arranjados, hoje já é totalmente diferente, você por exemplo vai numa festa olha pra moça e chega conversar. Ah! se ela não for ucraniana não vou poder casar, ou, Ah! se ela é polonesa não vou poder! A única coisa que os ucranianos respeitam é o grau de parentesco (ROIK, 2009).

Porém, essa “exigência” “já está totalmente extinta, tanto que eu tenho amigos que já há vinte anos atrás casaram nesta mistura de raças” (BULKA, 2009). Ainda, de acordo com outro entrevistado, a liberdade de união entre os ucranianos e outras etnias foi uma importante mudança.

(...) antigamente podia casar-se só entre descendentes de ucranianos e depois de uma época algumas famílias passaram a aceitar pessoas de outras etnias, sendo esta uma de grande importância no âmbito das mudanças (Pe., 2009).

Conforme o depoimento de João Laércio Roik, atualmente não há como pensar em viver isolado em seu grupo étnico, pois há uma mistura étnica, e isso é visto como um dos fatores condicionantes para a perda dos rituais, inclusive nos casamentos, pois não sendo o casamento entre dois ucranianos, a celebração poderá ter uma mistura de tradições: “Meu pai e minha mãe são ucranianos puros, minha esposa de parte de pai são ucranianos e de mãe brasileiros, a uma mistura, né! ,e talvez por causa desta mistura que vão se perdendo os costumes dos ucranianos” (ROIK, 2009).

Conforme os depoimentos antes o namoro durava menos tempo, e atualmente há a necessidade de namorar mais tempo a fim de decidir-se pelo noivado, o qual “é o prelúdio obrigatório do casamento” (WOLFF, 1999).

Entre os ucranianos, a cerimônia do noivado tem suas peculiaridades: reúnem-se as duas famílias e o noivo pede para o pai da noiva a mão de sua filha em casamento, então a mãe do noivo benze as alianças com água benta, a qual já estava anteriormente posta em um pequeno prato. Os noivos trocam as alianças, não deixando de ser este momento repleto de emoção, tanto para as famílias, quanto para os nubentes (ROIK, 2009).

Não menos repleto de emoções é o dia em que os noivos despedem-se de suas famílias, sendo esta despedida, realizada no próprio dia do casamento, individualmente cada qual com a sua família, sendo cultivado ainda hoje, mas sendo preferivelmente feito só pelos noivos, uma vez que as noivas optam por não fazer a fim de não causar danos à sua maquiagem e produção em geral. Ela é feita individualmente na casa do noivo e da noiva, uma vez que segundo as tradições “os noivos não podem se ver no dia do casamento, apenas na igreja. Assim terão boa sorte” (Pe., 2009). Mas como nos relata a Eutêmia as noivas preferem dispensar este momento por outros motivos, pois “... muitos têm vergonha, não querem seguir, como esta despedida, os noivos não querem porque a noiva já chega tudo chique do salão e antes não era assim...” (GURA, 2009).

Segundo João Laércio Roik (2009), a despedida é o momento em que os noivos devem pedir a bênção dos pais, os quais os abençoam e mostram a satisfação pelo casamento que realizar-se-á. Também é o momento em que os noivos deveriam pedir perdão aos seus familiares por todas as ofensas ocorridas, para ficar livre de qualquer rixa ou intriga. Neste momento, caso a emoção tome conta e o noivo não consiga continuar a falar, um tio ou tia que tenha bastante proximidade com ele deve tomar a palavra em seu nome: “... passa um filme na cabeça de toda a sua vida, eu comecei falar, mas não consegui e quando isto acontece um tio ou tia toma a responsabilidade e pede aos pai...”. Após este momento, vem a festa, e ao toque da gaita todos cantam uma cantiga típica, que fala de um

filho se despedindo dos pais e dos familiares em geral. Este é um momento em que “se arrepia na pele só de conta” (ROIK, 2009).

Nesta ocasião também é feito o *kolati*, que são pequenos pães simbolizando a fartura que posteriormente deverá ser parte da vida do casal. Também se toma o vinho, o qual simboliza a alegria, acreditando-se assim que o casal terá um caminho repleto delas. Segundo uma entrevistada, “... é feito o kolati, é uns pães que fazem, o pai e a mãe seguram, se tem avô e avó seguram, o noivo ou noiva se ajoelha e pede a benção aos pais e os pais abençoam e daí sempre com gaita, com música ...” (GURA, 2009).

Segundo João Laércio Roik, após a despedida, seque-se o casamento na igreja, não tendo sofrido nenhuma modificação desde 1978 até hoje, podem haver exceções e alteram em partes a celebração, como diz o padre da paróquia por nós entrevistado:

Não ocorreram mudanças nos rituais da celebração, há abolições de rituais dependendo da situação, como por exemplo nos casamentos de reparação são abolidos vários rituais e quem tem o poder de abolir esses rituais é a população, pois, se a pessoa não levar aliança ou coroa eu não vou providenciar. Então as famílias escolhem se querem a celebração completa ou não (Pe., 2009).

Quando se decide casar segundo o rito deve-se dar os nomes na igreja com bastante antecedência, porque a mesma tem que montar um processo e investigar a existência de algum impedimento, com o fato de um dos noivos já terem sido casados no religioso, ou se talvez estão casando contra a vontade. Para este fim os dois são ouvidos individualmente e torna-se pública a proposta da união do casal através de anúncios na hora da missa, vários dias antes do casamento. E caso apareça algum impedimento é verificada a veracidade do mesmo (Pe., 2009).

O padre informou também que, para se casar na igreja ucraniana não é necessário ter descendência ucraniana, mas torna-se necessário uma autorização assinada pelo pároco da igreja onde foi batizado dando-lhe o direito de casar-se na igreja ucraniana. O casamento é realizado tanto na língua ucraniana, quanto na portuguesa, uma vez que há famílias que compreendem a língua ucraniana e optam pela realização da cerimônia com a mesma, como há famílias que já não compreendem o ucraniano, optando pelo português. Tchumola diz que:

Na igreja continua as mesmas tradições, só que antes era celebrado só em ucraniano e agora já é celebrado em brasileiro. No meu não. Foi só ucraniano. Houve meu pedido pro padre fazer em brasileiro. É o povo que mudou (TCHUMOLA, 2009).

Rituais da celebração religiosa do casamento ucraniano

O Ecológio Ucraniano para a Liturgia do Casamento prevê que entram primeiramente na igreja os padrinhos, em seguida o noivo, que é conduzido por seus pais, ou na falta dos mesmos por padrinhos ou alguém de sua preferência. Após isso fecha-se as portas da igreja e alguns momentos depois elas são abertas para a entrada da noiva, que vem conduzida pelos pais. O noivo e o sacerdote vêm do altar de encontro a noiva. O noivo cumprimenta a noiva e o pai dela, e tanto o noivo quanto a noiva são em suas respectivas vezes indagados pelo sacerdote se estão desejando por livre e espontânea vontade, e com firme propósito, receber-se em matrimônio.

Após isso, conforme o ritual os noivos e o sacerdote dirigem-se ao altar, representando assim a mudança que ocorrerá em suas vidas após o matrimônio (ROMANHUK, 2004, p. 25). Enquanto eles caminham é cantado por todos os presentes o salmo 128 da Bíblia Sagrada. Este salmo fala sobre a felicidade que possuem os que andam nos caminhos do Senhor e o temem. Refere-se também a prelúdios de que o homem será feliz com o trabalho de suas mãos; sua mulher será fecunda¹, terão filhos e Deus abençoará para que tenham uma vida longa a fim de verem seus netos. Em seguida ao salmo, é realizada a oração chamada de Litania da Paz, a qual é feita pela comunidade intercedendo a Deus para que os noivos sejam abençoados, fecundos e felizes, que os filhos sejam justos e virtuosos, fiquem livres de calamidades, aflições, perigos e privações (ECOLÓGIO – Liturgia dos sacramentos, 2000, p. 27-29).

Ainda de acordo com o Ecológio, segue-se realizando a oração pelos noivos na qual o sacerdote estende a mão sobre a cabeça dos nubentes, recordando a figura de Adão e Eva, lembra que o homem deve deixar seu pai e sua mãe para unir-se a uma mulher e formar uma família, e Deus os abençoa como abençoou Adão e Eva. Depois disso o sacerdote pede a Deus bênçãos ao casal, como também a vida longa, amor mútuo, alegria com os filhos, prosperidade, abundância em terrenos e caridade aos pobres e necessitados (ECOLÓGIO – Liturgia dos sacramentos, 2000, p. 29-30).

A benção e a entrega das alianças é o próximo passo na cerimônia. Segundo o Ecológio, inicialmente o sacerdote abençoa as alianças e as asperge com água benta, realizando uma oração, onde pede a Deus que uma os noivos e os conserve na paz e unidade. Fazendo o sinal da cruz, sobre a cabeça de ambos, as alianças são entregues, sendo também possível o sacerdote colocá-las ou deixar que os próprios noivos o façam (ECOLÓGIO – Liturgia dos sacramentos, 2000, p. 31). As alianças representam o compromisso assumido entre um e outro da mesma forma como foi assumido entre o povo e Deus no Antigo Testamento (Pe. 2009). Assim, “as alianças simbolizam uma união sem fim, a união de duas pessoas em uma. Sendo de forma circular, as alianças simbolizam também a eternidade e devem ser usadas como símbolo da contínua fidelidade que foi prometida no ato” (ROMANHUK, 2004, p. 26). Para Roik, esse é um “... momento importante é as alianças, que é um laço ente duas pessoas pro resto da vida e não é outra pessoa que vai poder desmanchar” (ROIK, 2009).

Chega então à hora do juramento matrimonial, onde os noivos se ajoelham e colocam a mão direita sobre o evangelho, as quais são envolvidas pelo sacerdote com a sua estola, o sacerdote fala os termos do juramento pausadamente, para os noivos o repetirem. Neste juramento, intercede-se pela ajuda Divina a fim de conseguir cumprir o que se está prometendo, que é o amor, fidelidade, respeito conjugal e companheirismo até a hora da morte (ECOLÓGIO – Liturgia dos sacramentos, 2000, p. 31-32). Observamos que se jura com as mãos sobre o evangelho porque o mesmo refere-se diretamente a Cristo, sendo ele a principal testemunha, e o não cumprimento do que foi jurado deverá um dia ser cobrado por Deus. Quando termina o juramento, o sacerdote retira a estola, abençoa os noivos e os declara marido e mulher, lembrando que o que foi unido por Deus o homem não tenha o poder de separar. Os noivos levantam-se e beijam a bíblia em sinal de reverência (ROMANHUK, 2004).

¹. Desde o início da celebração já percebemos quão grande é a importância que é dada pelos ucranianos à fecundidade feminina, onde os filhos são considerados benção divina.

Segue-se então com a imposição das coroas² de ramos verdes. Tomando as coroas nas mãos o padre abençoa os noivos com a mesma e impõe sobre as cabeças dos noivos dizendo que a coroa é recebida como vínculo matrimonial e pede a Deus que os coroe de glória e esplendor e o povo diz: “Pusestes-lhes sobre suas cabeças diademas de pedras preciosas; eles vos pediram e vós lhes concedestes” (ECOLÓGIO – Liturgia dos sacramentos, 2000, p. 33). Os noivos permanecem por um determinado tempo com as coroas, que são retiradas após a comunhão.

As coroas podem ser feitas tanto de flores, quanto de ramos verdes como o cedrinho, que é o mais usado em Irati, e a mesma deve ser providenciada com antecedência pela família dos noivos e caso não a providenciem, por qualquer que seja o motivo, a igreja ou o celebrante não podem providenciá-la. Por conta disso esse momento da celebração não ocorre. Não sabendo-se de muitos casos em que não houve a coroação, é mais comum que a mesma não ocorra em casos de casamento de reparação, ou seja, quando a pessoa já mora com seu companheiro, aí nesses casos, geralmente é feita uma celebração mais simples, onde se abolem alguns rituais como o da coroação (Pe., 2009).

O momento da imposição das coroinhas é considerado pelos entrevistados um dos mais importantes da celebração e repleto de beleza.

O casamento é muito solene, os noivos são coroados com coroas de flores, o que simboliza que o homem foi criado como o rei de universo, com direito de multiplicar-se e dominar a terra. Cada lar é a continuação da obra de conquista sobre a criatura (HORBATIUK, 1983, p. 135).

De acordo com o Ecológio, em seguida à imposição das coroas, é feita a leitura da Epístola³. Esta leitura revela que a união entre o homem e a mulher é semelhante à união de Cristo com a igreja, portanto as mulheres devem sujeitar-se a seus maridos que são a cabeça da mulher igual à igreja que sujeita-se a Cristo, e os homens devem amar suas esposas assim como Cristo amou a sua igreja entregando-se por ela e também devem amá-las com sua própria carne, ou seja, como a si mesmos. Após a leitura da epístola, todos aclamam ao evangelho cantado e em seguida lê-se uma passagem do evangelho, a qual refere-se ao milagre que Jesus realizou no casamento em Canaã da Galiléia, atendendo aos pedidos de sua mãe e transformando a água em vinho. Dando-se assim a entender a presença de Cristo no casamento e nos problemas que o mesmo tem o poder de solucionar dentro da vida de um casal (ECOLÓGIO – Liturgia dos sacramentos, 2000, p. 34-35).

Na sequência faz-se uma Litania com várias aclamações, como pela piedade Divina, para que o casal viva com saúde e receba os benefícios da salvação celeste e que tenha também uma convivência honrada, digna e livre de todos os males, segundo os mandamentos. São cantados hinos na hora da comunhão dos nubentes.

². As coroas significam que os noivos são envoltos da graça santificante de Deus, e a partir do instante da coroação tornam-se o rei e a rainha do seu lar, não dando ou devendo obediência aos pais, tendo que conduzir sua nova família como um rei/rainha conduzem uma nação. Assim sendo a partir deste momento devem pensar na responsabilidade de serem donos da sua própria vida. Como também significa que Deus coroa os noivos de glória e esplendor, e que o casal deve fazer o possível para que em seu novo lar reine a harmonia, paz e amor (Pe., 2009).

³. São as cartas escritas pelos apóstolos que encontram-se no novo testamento; no caso da celebração do casamento há várias epístolas para a realização da leitura, mais a comumente lida é a carta de São Paulo Apóstolo aos Efésios.

Depois dela acontece a deposição das coroas: o sacerdote retira a coroa da cabeça do noivo, desejando que ele prospere como Abraão, seja abençoado como Isaac e tenha a fecundidade de Jacó, tendo uma vida de paz, cumprindo os mandamentos de Deus. Em seguida retira a coroa da cabeça da noiva, deseja-lhe a prosperidade de Sara, a alegria de Rebeca e a fecundidade de Raquel, sendo feliz com seu esposo, sempre seguindo a lei divina (ECOLÓGIO – Liturgia dos sacramentos, 2000, p. 37).

Na seqüência dá-se a benção dos esposos, onde o sacerdote pede que Deus abençoe o matrimônio que está se realizando, assim como abençoou o casamento de Canaã da Galiléia, dando abundância de todos os bens terrenos, conservando os esposos na pureza, justiça e santidade. Há, então, a última oração da cerimônia, que invoca os santos Constantino e Helena e do grande mártir Procópio e todos os santos a fim de que concedam paz, saúde e felicidade aos noivos (ECOLÓGIO – Liturgia dos sacramentos, 2000, p. 38-39).

Por fim, terminada a cerimônia do casamento em si, é realizada uma benção especial para a noiva, sendo essa destacada por alguns dos casais entrevistados, como a parte mais marcante da cerimônia, na qual o sacerdote conduz a noiva diante da imagem da mãe de Deus. A noiva deposita um buquê de flores diante da imagem a fim de demonstrar seu respeito e devoção. O sacerdote põe sobre a cabeça da noiva um lenço ou manta branca⁴ e faz uma oração para que a mesma seja coberta pelo poder divino e livre de todo mal, em todos os seus dias, na presença de seu marido, tendo a oportunidade de ver seus descendentes, buscando sempre a fidelidade ao marido. O sacerdote faz o sinal da cruz sobre a cabeça da noiva e asperge com água benta. A noiva retorna então ao altar junto de seu marido (ECOLÓGIO – Liturgia dos sacramentos, 2000, p. 39-40).

Conforme Eutêmia Gura, “o mais importante é quando após a celebração o padre chama a noiva em frente ao altar e é posto um lenço na cabeça e a noiva do dia do casamento em diante vai ser fiel como Maria, o padre consagra ela e ela entrega um buquê de flores pra Nossa Senhora” (GURA, 2009).

João Laércio, em seu depoimento, também destaca a importância deste momento: “os mais importantes são quando a noiva é levada pelo padre ate o altar de Nossa Senhora e o padre coloca a manta em cima da sua cabeça, a qual prospera fertilidade” (ROIK, 2009).

Em alguns lugares costuma-se realizar, após a benção da noiva, o ritual da taça de vinho, como é o caso de Irati, onde o noivo dá de beber para a noiva e a noiva para o noivo, porque o vinho simboliza a alegria. Acredita-se então que a realização desse ritual manterá a vida do casal sempre com alegrias.

O padre confirma:

Após a benção dos esposos é feita a benção da noiva, quando o padre convida todos os presentes para cantar o *mnohaia lita* [parabéns]. Alguns padres utilizam o ritual da taça de vinho, o noivo dava de beber para a noiva e vice-versa, tendo o vinho o significado da alegria, acredita-se que este ritual vai manter a alegria do casal, mas este ritual não é muito praticado, vai de cada padre querer fazer ou não (Pe., 2009).

⁴ . Caso não tenha sido providenciado pelas famílias dos noivos este pano, o padre faz somente a imposição das mãos sobre a cabeça da noiva.

Os noivos retiram-se então da igreja e todos os convidados seguem atrás. Na saída é feita, sobre o casal, a típica chuva de arroz ou flores, praticadas, tanto pelos ucranianos, quanto por outras etnias, como vemos nos depoimentos a seguir: “No nosso teve a chuva de arroz na saída que eu acho tão feia!” (BULKA, 2009). Ainda em outro: “Na saída há a jogada de arroz, tanto na ucraniana, quanto na brasileira” (TCHUMOLA, 2009).

Como observaram os entrevistados, no período de 1978 as festas transformaram-se em festas comuns, sem nada que a caracterizasse a cultura ucraniana, como por exemplo o *korovai*. Contudo, atualmente, podemos encontrar famílias tradicionais que buscam aspectos por eles considerados importantes que lembrem a maneira antiga de realização das festas, que uma vez realizadas servem de modelos para outras, que cada vez mais estão se avivando e enriquecendo a cultura ucraniana em Irati.

Obviamente as festas realizadas na cidade, no âmbito urbano em si, não podem ser comparadas com as organizadas no interior, tanto da cidade de Irati, quanto de outras cidades da região, uma vez que no interior todo o trabalho é feito pelas próprias famílias. A respeito disso HORBATIUK (1983, p. 203) diz que:

Os preparativos começam quatro ou cinco dias antes. Os pais da noiva, auxiliados por uma equipe de homens e mulheres, especialmente convidados para este fim, que têm destaque no cortejo nupcial, formam o grupo mais chegado aos noivos e servem a mesa durante o jantar.

A maioria dos casais entrevistados que casaram entre os anos de 1978 e 2007, afirmam que, a festa durava geralmente um dia. Já em 2008 segundo o depoimento de Roik, a festa começou na sexta-feira, dia em que os convidados começaram a chegar para entregar os presentes, ocasião que também se serviu café e bolo e assou-se carne. Roik (2009) diz que:

Antigamente o pessoal ficava se preparando uma semana antes, ia levar presentes, já ficava lá, já se fazia uma roda onde rolava a rorilka, mas conhecida hoje como cachaça, ou o próprio chimarrão, antigamente era mais fácil porque talvez o pessoal não tivesse tanto comprometimento com o trabalho, por isso que eram mais dias de festa, e a alimentação era feita toda em casa, e na semana do casamento a hora que chegasse alguém era motivo de festa (...). A festa começou na sexta-feira, quando os convidados vão chegando, trazem os presentes, sempre na casa da mãe, e sempre tinha café, bolo e se tivesse bastante gente ate assava uma carne, ate pra própria limpeza do salão, chamava-se um primo e outro e na hora de comer tinha que comer também!

Caso a festa comece na sexta, no sábado realiza-se a festa do casamento propriamente dita. No domingo, faz-se um almoço para os mais íntimos, chamado comumente de repique. Geralmente as festas realizam-se no próprio pavilhão da igreja, no caso da Paróquia Imaculado Coração de Maria: “Na igreja Imaculado Coração de Maria foi o casamento e no pavilhão a festa e as festas era sábado e domingo, sábado era a festa e domingo no mesmo local o repique” (TCHUMOLA, 2009). Essas festas, geralmente, acontecem com um relevante número de convidados, na maioria das vezes mais que 200, o que leva a crer que os ucranianos gostam de diversão junto dos familiares e amigos. Roik (2009) diz que: “... queria convidar bem mais. Mas convidei 350 pessoas, que compareceram 290 pessoas porque muitos não puderam vir, mais os amigos estavam ali juntos participando daquele momento”, ou ainda: “250 pessoas só entre os familiares, porque na família dele são em 10 irmãos e na minha 6” (TCHUMOLA, 2009).

Conforme nos relata Roik, quando os noivos chegam no local da festa eles são recepcionados com o sal e o pão, que simbolizam a fartura e que a sua vida nunca perca o gosto, o sabor, muito

embora este ritual já não é mais realizado com tanta intensidade como antes, sendo praticada por poucos ucranianos.

Chegada a hora do jantar ou almoço, não haviam, de acordo com as pessoas entrevistadas entre 1978 e 2007 pratos típicos, da culinária ucraniana, sendo servidas comidas brasileiras como arroz, saladas. Como vemos nos depoimentos a seguir: “Na nossa infelizmente não foi feito nada de típico” (BULKA, 2009). Ou ainda: “No nosso é como hoje, carnes saladas etc.” (TCHUMOLA, 2009). Vemos a contradição existente entre estes depoimentos e este de um jovem que casou-se recentemente: “Existem sim pratos típicos na culinária ucraniana especiais para o casamento, só que foi deixada esta tradição, mais o mais celebrado é o *kolati* e o *korovai* e sei que sempre tinha que ter carne de porco” (ROIK, 2009).

O prato típico das festas ucranianas é o *korovai* que é um pão, bem decorado, que representa principalmente abundância na vida do casal. Contudo, as pessoas por nós entrevistadas, que se casaram entre 1978 e 2007, nem sequer o mencionaram como um alimento tradicional, presente nos dias de casamento, e não o fizeram em seu casamento mesmo sabendo o seu significado. Como vemos no depoimento:

Sei o que significa, é o pão, o *korovai* em toda a festa ucraniana e não só no casamento o pão é o símbolo da fartura, o *korovai* no casamento é um pão bem ornamentado e no começo do baile, o melhor amigo da noiva e o melhor amigo do noivo, começam a dança com o *korovai* e todos os convidados, tem que dançar com o *korovai*, mas em meu casamento também não foi feito (BULKA, 2009).

Outra entrevistada diz que “no nosso casamento não teve, mas minha sogra sempre comentava que cada *korovai*, *cuke* tradicional, simbólico...” (TCHUMOLA, 2009).

Já nos dias atuais, o *korovai* é considerado pelos ucranianos como um importantíssimo elemento do casamento, tanto que as pessoas orgulham-se de fazê-lo, pois o “*korovai* é uma coisa que ficou esquecida no costume ucraniano e começa a retornar e onde é feito é uma novidade e sai um comentário que foi feito. É um orgulho repassar essa cultura” (ROIK, 2009). O mesmo entrevistado ainda revela: “O 1º *korovai* que eu lembre de ter ido foi o meu, e aí vai se expandindo... o 2º *korovai* foi do meu primo e hoje vivenciaremos um casamento de 50 anos que terá o *korovai*” (ROIK, 2009).

O *korovai* é um pão doce, bem crescido e redondo, repleto de enfeites, tais como lua, estrelas, flores, folhas e pássaros, que são feitos com a própria massa do pão, só não utiliza-se o fermento nestes enfeites, assim eles ficam firmes e não são comestíveis.

Segundo a tradição ucraniana, a lua e a estrela são o símbolo do casal (ANDREAZZA, 2004), tendo que ser esta parte que contem a lua e a estrela a parte que cabe ao casal quando o *korovai* for partido para servir aos convidados junto com o bolo da festa. Também é colocado bem ao centro do *korovai* uma pequena arvorezinha⁵. Em Irati coloca-se uma copa de pinheiro araucária, o qual trará boa sorte à vida agrícola do casal.

Entre as permanências dos ucranianos esta o *korovai*, um pão arredondado e decorado, o *Korovai* vem trazer forças fertilizadoras à vida agrícola do recém-casal, que ao partir o pão se compromete a trabalhar junto pelo sustento da família (RAMOS, 2008).

⁵. Essa situação foi por nós observada no dia 16 de maio de 2009 na casa de Laércio Roik. Neste dia a família estava fazendo um *korovai* para a festa de bodas de ouro de um membro da família.

No pinheirinho são colocados como enfeites cordões com balas, o que torna-se depois na hora da dança a alegria das crianças, que ficam ao redor de quem está dançando esperando que as balas caiam no chão, a fim de pegá-las.

Segundo Inês Tchumola podem ser feitos dois ou mais *korovais*, sendo geralmente feitos um para o noivo e outro para a noiva e quem deve responsabilizar-se pela confecção do *korovai* é a família do noivo.

Ainda de acordo com a mesma entrevistada, o pão deveria crescer bastante, pois caso isso não ocorra é mau sinal, ou seja, se ele crescer bem, feliz e prósperos serão os noivos. Por outro lado, houve casos de pessoas que não queriam que fizessem o *korovai* em seu casamento, pois temiam que não crescesse. Como diz Tchumola (2009):

Ele tinha que crescer bonito porque é aí que seria indicada a felicidade dos noivos, se fizessem um pra noiva e um pro noivo e tinha que crescer bonito se não o casal não ia bem, eu tinha uma colega de Mallet que brincou uma vez comigo que não queria que nem fizessem o *korovai* em seu casamento, pois, tinha medo que não crescesse, faz 15 anos que ela é casada e a sua avó comentou que a felicidade do casal dependia do mesmo ficar bonito, é dançado sete músicas com o *korovai*, todos os convidados vão dançando até chegar nos noivos, vão passando o *korovai* na hora da dança, depois o mesmo é cortado e distribuído aos convidados, o *korovai* dá sorte para os noivos.

Dança-se várias músicas com o *korovai*. Segundo Helena Bulka quem as inicia pode ser tanto um amigo especial do noivo e uma amiga da noiva, ou também como nos relata João Laércio Roik o casal de padrinhos, mas sempre deve ser uma dupla, que deve segurar o *korovai* ao alto e dançar com ele. Quando todos os convidados que desejarem dançar com o *korovai* acabarem, então o mesmo chega aos noivos que também dançam com ele. Quando isso ocorre é realizada a brincadeira do bom barqueiro, sendo feito um túnel aonde todos vão passando. Também neste momento de diversão com o *korovai* são feitos pelos rapazes passos de danças ucranianas e o noivo tem que fazer igual, sabendo ou não.

O *korovai* começa a dançar com o casal de padrinhos que fazem uma encenação e pessoas fazem passos de música ucraniana, e este *korovai* vai passando até chegar nos noivos e quando o *korovai* chega nos mesmos é realizada a brincadeira do bom barqueiro, túnel onde todos passam. O *korovai* é uma coisa que ficou esquecida no costume ucraniano e começa a retornar e onde é feito é uma novidade e sai um comentário e é um orgulho repassar essa cultura (ROIK, 2009).

Ainda de acordo com João Laércio Roik, o momento do *korovai* é tão cheio de alegria e espontaneidade que desperta o interesse nas pessoas não conhecedoras dessa tradição. Muitas delas, “... no momento do *korovai*, que o pessoal de fora que não conhecia, de outras nações e regiões subiram nos bancos para ver o que ia acontecer” (ROIK, 2009). Após estas danças, o *korovai* é partido pelos noivos e então é cortado em pedaços e servido aos convidados juntamente com o bolo de casamento.

As *kolomeikas*, cantos populares onde se fala do amor, também merecem destaque, por serem danças tradicionais que fazem-se no passo de 3 em 1, onde as pessoas dançam pulando com alegria contagiante. “O estilo deste canto é lírico, singelo e ligeiro e é cantado em dias de festa e casamentos. O ritmo da *kolomeika* é bem acelerado e alegre, o que faz com que as pessoas não consigam ficar indiferentes diante dos casais que geralmente giram por toda a sala” (RAMOS, 2008, p. 58).

Dentre as brincadeiras que podem ser destacadas na hora da festa são o corte da gravata do noivo e o sapato da noiva, incluindo-se também o já mencionado bom barqueiro e o *korovai* que apesar

de ser um alimento presente na festa, torna-se também um momento de brincadeiras. Vemos através de depoimentos que dentre o período pesquisado o *korovai* era conhecido, mas não praticado: “...na nossa já não estavam praticando muito o *korovai*, e a família dele que era ucraniana não tinha o costume, aí foi normal a gravata e o sapato” (TCHUMOLA, 2009). Ainda em outro depoimento: “ Na nossa festa a única que dura até hoje do sapato e da gravata” (BULKA, 2009).

Fato também que é considerado uma brincadeira na festa é o momento em que o noivo é convidado por dois melhores amigos a dançar passos de danças folclóricas ucranianas e sabendo ou não, deve dançar, no centro de todos os convidados. O *korovai* torna o casamento ucraniano repleto de animações, sendo que ninguém fica parado, desde crianças a idosos, todos entram na dança.

Segundo Bulka os ucranianos em dias de festa, como a do casamento, extravasam suas alegrias, tanto através das *kolomeikas*, quanto da *bokilka*, sendo esta a cachaça, que é uma bebida comum aos ucranianos, estando sempre presente em dias de festivos, pois “...os ucranianos durante as festas, não que gostem de tomar, mas durante as festas como uma forma de extravasar a alegria bebem mais do que de costume a *bokilka*...” (BULKA, 2009).

Considerações finais

Vimos nos textos de apoio e nas entrevistas que os ucranianos em geral são um povo que preocupa-se em manter a sua religião, estando essa religiosidade ligada ao início da imigração para o Brasil, quando procuravam de certa forma se apoiar e ter esperanças futuras. E até hoje este aspecto é muito perceptível nos depoimentos dos ucranianos, como um exemplo, quando mencionam o casamento na igreja, o qual é muito valorizado dentre estes depoentes, tanto a 30 anos atrás como atualmente, não tendo o mesmo passado por nenhuma modificação, na visão dos entrevistados.

Percebemos em algumas entrevistas, que a maioria dos depoentes ficaram tristes ao falar de suas festas de casamento, mostrando agora o interesse pelas tradições, desejando que seus filhos tenham um casamento completo nos rituais, a fim de que continuem a fazer parte da etnia. Percebemos este interesse através dos depoimentos sobre o resgate dos rituais nos casamentos atuais, nos quais é perceptível vermos uma bela festa, repleta de simbologias, como o *korovai* típico da cultura ucraniana que cada vez mais vem sendo praticado nas festas. Os jovens casais, mesmo não sendo os dois de descendência ucraniana, buscam através da memória dos idosos ou até mesmo da Internet, resgatar as tradições e fazer seus casamentos o mais próximo possível do que era num tempo bem mais antigo, ou até mesmo igualar-se um tanto das festas de colônias interioranas, que mantêm seus costumes em relação ao casamento.

Passamos então a ver nos casamentos atuais as cerimônias que podem ser destacadas como as principais, que são as coroinhas de cedrinho, alecrim ou flores; a benção especial da noiva; a benção dos pais e a despedida dos noivos; o *korovai* e as alegres *kolomeikas*, estando os três últimos no esquecimento urbano, mas ocupando atualmente pelas famílias um local de destaque e orgulho para a etnia, que leva a um reavivamento dessa cultura.

Fontes orais

BULKA, Maria Helena. Entrevista concedida dia 02 de maio de 2009.

GURA, Eutêmia. Entrevista concedida dia 16 de maio de 2009.

Pe. da Paróquia Imaculado Coração de Maria (Irati). Entrevista concedida dia 14 de abril de 2009.

ROIK, João Laércio. Entrevista concedida dia 16 de maio de 2009.

TCHUMOLA, Inez. Entrevista concedida dia 02 de maio de 2009.

Referências

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Bravos da Ucrânia. Nossa História**, ano 1, n.º 12. São Paulo: Biblioteca Nacional/Vera Cruz, 2004.

ECOLÓGICO – **Liturgia dos sacramentos, bênçãos e orações. Eparquia Ucrâniana de São João Batista. Assinado pelo Pároco Efraim Basílio Krevey**. Curitiba, 2000, Protocolo n.º T. II – 481.

FRANKÓ, Ivan. **Para o Brasil**. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrâniana, 1981.

HORBATIUK, Paulo. **A colônia ucraniana em Mallet: núcleo de preservação e irradiação de padrões da cultura ucraniana - estudo de caso**. Curitiba, 1983. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica.

ORREDA, José Maria. **Irati**. Irati: Edipar, 1972, vol. I.

Pe. HANEIKO, Valdemiro. **Uma centelha de Luz**. Curitiba: Clero Diocesano Ucrâniano no Brasil. Editora Kindra, 1985.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RAMOS, Odinei Fabiano. Ilhas cercadas por “quase” todos os lados? Ucrânianos, poloneses e brasileiros em Prudentópolis. **IX Encontro de pesquisadores do Uni-Facef**, 2008, Franca. Disponível em <<http://www.facef.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Odinei%20Fabiano.pdf>> Acesso em 22 de maio de 2009.

ROMANHUK, Jussara. **Ucrânianos em Rio Azul**. Irati, 2004. Monografia (Especialização em Perspectivas do Ensino de História no Brasil). Setor de Ciências Humanas da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

SCHÖRNER, Ancelmo. **O arco-íris encoberto - Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas**. Joinville: Oficina Comunicações, 2000.

WOLFF, Maria Lourdes de Fátima Marcondes. **Guia cerimonial do casamento civil, religioso, social: para noivas, noivos e profissionais da área**. São Paulo: Online Editora, 1999.